



A expressão de TEMPO PRESENTE em português brasileiro: mudança diacrônica em quatro séculos

The expression of PRESENT TENSE in Brazilian Portuguese: diachronic change across four centuries

Paulo Ângelo ARAÚJO-ADRIANO*

RESUMO: Em sua *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*, Ataliba T. de Castilho (1968) sustenta que o presente é menos um tempo do que um tempo de tendência aspectual. No português brasileiro (PB) contemporâneo, de fato, a forma sintética de presente não veicula concomitância com o momento da fala, função assumida pela perífrase “estar” + gerúndio. Nosso objetivo é investigar, à luz da Gramática Gerativa, o percurso diacrônico dessa tendência aspectual, determinando como se expressou, ao longo de quatro séculos, o Tempo presente *per se* e em que momento o PB passou a preferir a forma analítica. Analisamos comédias teatrais brasileiras dos séculos XVIII a XXI, extraídas do Corpus Histórico Anotado do Português Tycho Brahe, nas quais levantamos as ocorrências de presente sintético e analítico e classificamos suas leituras como aspectual, temporal ou modal; os dados foram então submetidos a testes inferenciais (regressão logística, tendência de Cochran–Armitage e qui-quadrado). Até o fim do século XIX, o presente sintético veiculava, além de valores aspectuais, o próprio Tempo presente *per se*; foi apenas no primeiro quartel do século XX, com ponto de cruzamento estimado em 1910, que a forma analítica se impôs como estratégia majoritária. A vocação aspectual do sintético mostrou-se constante em toda a diacronia, ao passo que sua leitura temporal recuou de maneira significativa; a perífrase, por sua vez, manteve estável a convivência das leituras temporal e aspectual e jamais veiculou valor modal. Os verbos performativos, por fim, permanecem como resíduo do sistema anterior. Propomos que o verbo lexical no presente sintético checava traços de Tempo e de Aspecto nos séculos XVIII e XIX, mas deixou de checar traços temporais nos séculos XX e XXI, ficando restrito ao Aspecto. A projeção de Tempo tornou-se inerte para os verbos lexicais e ativa apenas com auxiliares, mudança paramétrica de meso- a microparâmetro que se manifesta, na Língua-E, como o avançado estado de analiticização do PB, possivelmente desencadeada pela economia de traços na aquisição e pelo contato linguístico, e que confere respaldo formal à antiga intuição de Castilho.

PALAVRAS-CHAVE: Tempo presente. Aspecto. Analiticização. Movimento do verbo. Português brasileiro.

* Doutorado em Linguística (UNICAMP). Professor do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, SP – Brasil. Este trabalho foi parcialmente financiado pela FAPESP (Processos 2021/09979-6 e 2019/17443-9). pauloangelo@usp.br

ABSTRACT: In his *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*, Ataliba T. de Castilho (1968) argues that the present is less a tense than a tense with an aspectual tendency. Indeed, in contemporary Brazilian Portuguese (BP) the synthetic present does not convey simultaneity with the moment of speech, a function taken over by the periphrasis *estar* 'be' + gerund. We aim to investigate, from a Generative Grammar perspective, the diachrony of this aspectual tendency, determining how present tense *per se* was expressed over four centuries and when BP came to prefer the analytic form. We analysed Brazilian theatrical comedies from the eighteenth to the twenty-first centuries, drawn from the Tycho Brahe Parsed Corpus of Historical Portuguese; occurrences of the synthetic and analytic present were extracted and classified according to their aspectual, temporal and modal readings, and the data were then submitted to inferential tests (logistic regression, Cochran–Armitage trend test and chi-square). Until the end of the nineteenth century, the synthetic present conveyed not only aspectual values but also present tense *per se*; only in the first quarter of the twentieth century, with the crossover point estimated at 1910, did the analytic form become the majority strategy. The aspectual tendency of the synthetic present remained constant throughout the documented diachrony, whereas its temporal reading declined significantly; the periphrasis, in turn, stably maintained the coexistence of temporal and aspectual readings and never conveyed modal value. Performative verbs, finally, remain as a residue of the earlier system. We propose that the lexical verb in the synthetic present checked Tense and Aspect features in the eighteenth and nineteenth centuries but ceased to check temporal features in the twentieth and twenty-first, retaining only Aspect. The functional projection of Tense became inert with respect to lexical verbs and active only with auxiliaries, a parametric change from a meso- to a microparameter that surfaces, in E-language, as the advanced state of analyticisation of BP, possibly triggered by feature economy in acquisition and by language contact, and that lends formal support to Castilho's long-standing intuition.

KEYWORDS: Present tense. Aspect. Analyticisation. Verb movement. Brazilian Portuguese.

Artigo recebido em: 10.07.2026

Artigo aprovado em: 09.10.2026

1 Introdução

Entre a vasta contribuição de Ataliba de Castilho, sua *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa* (Castilho, 1968) — texto que retoma a tese de doutoramento defendida na Universidade de São Paulo em 1966 — empreende o primeiro levantamento sistemático da categoria do Aspecto no português, num momento em que, conforme observa o próprio autor, a sintaxe verbal permanecia a enteada dos estudos da língua. Ao descrever a noção de aspecto, Castilho (1968) é levado a uma afirmação que aqui tomamos como fio condutor: o presente não é, em rigor, um Tempo, mas um Tempo de tendência Aspectual. Há, nessa formulação, uma

inversão que nos parece produtiva. Embora o tema deste artigo seja o Tempo presente, a monografia de Castilho (1968) sobre Aspecto contribui diretamente para a sua compreensão: longe de tratar o presente como índice canônico da concomitância com a fala, Castilho (1968) demonstra que a forma de presente serve, antes, de suporte a valores Aspectuais diversos.

O objetivo deste trabalho, sob o ponto de vista da Gramática Gerativa, é investigar diacronicamente essa tendência Aspectual do presente sintético em português brasileiro (doravante PB). Para tanto, analisaram-se peças teatrais dos séculos XVIII, XIX, XX e XXI. Mostramos que a tendência Aspectual do presente sintético, enfaticamente sinalizada por Castilho (1968), não é uma propriedade apenas do PB contemporâneo, mas sempre fez parte do sistema da língua, com uma diferença crucial: até o fim do século XIX o verbo no presente sintético veiculava não só leituras Aspectuais, mas também Tempo presente *per se*, isto é, concomitância em relação à fala. Dentro da proposta gerativista, defende-se que o verbo lexical no presente sintético do PB checava traços de Tempo e de Aspecto nos séculos XVIII e XIX, mas deixou de checar traços Temporais nos séculos XX e XXI, restando-lhe apenas a checagem de traços de Aspecto. Levanta-se a hipótese de que a projeção funcional T se tornou inerte em relação aos verbos lexicais, restringindo-se aos auxiliares — resultado que se manifesta, na Língua-E, como o avançado estado de analiticização do PB.

As seções estão organizadas da seguinte forma: na seção 2, sintetizamos a arquitetura geral de Castilho (1968), com destaque para a concepção do Aspecto como categoria léxico-sintática e para a relação entre Aspecto e Tempo. Ainda, examinamos o Tempo presente no PB contemporâneo, articulando a descrição castilhiana à semântica Aspectual de Müller e Bertucci (2018) e à teoria do Tempo de Comrie (1985). Na seção 3, escavamos o passado do Tempo presente no PB, apresentando o *corpus*, a metodologia e os resultados quantitativos dos séculos XVIII a XXI. Na seção 4, propomos uma análise formal, articulando as reflexões de Castilho (1968) à perda de

movimento de V a T. Por fim, nas conclusões, retomamos os achados e suas implicações.

2 Tempo e Aspecto

2.1 A perspectiva de Castilho (1968)

Castilho (1968, p. 14) mostra que o conceito expresso pelo verbo é dimensionado por seis categorias, quais sejam: aspecto, tempo, modo, voz, pessoa e número, cuja função é atualizar o processo virtualmente considerado. O aspecto é definido como “a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a idéia de duração ou desenvolvimento” (Castilho, 1968, p. 14); trata-se, em suas palavras, da “representação espacial do processo”. A objetividade do aspecto contrapõe-se, nessa formulação, à subjetividade do tempo, categoria que localiza o processo por referência ao falante.

Convém observarmos dois traços dessa concepção, decisivos para nosso argumento. Em primeiro lugar, Castilho (1968, p. 15) toma o aspecto por uma categoria de natureza léxico-sintática, uma vez que em sua caracterização interagem o sentido contido na raiz do verbo e elementos sintáticos como os adjuntos adverbiais, os complementos e o tipo oracional. Isso é claramente observado na distinção aspectual entre “desenhar dois círculos” e “desenhar círculos”, lá, *accomplishment*, aqui, atividade (cf. também Wachowicz; Foltran, 2006). Em segundo lugar, e em consequência disso, o autor sustenta que o aspecto “deve ser a categoria verbal mais antiga”, quer por exprimir uma ideia mais concreta e objetiva que a do tempo, quer, principalmente, por estar mais essencialmente ligado à noção de processo (Castilho 1968, p. 15-16). Em linhas gerais, o tempo é, para Castilho, uma elaboração posterior e mais abstrata, ao passo que o aspecto se enraíza no próprio léxico verbal.

A partir dessa base, Castilho (1968, p. 14-15) reconhece quatro valores aspectuais fundamentais, assim distribuídos:

- (1) a. **Imperfectivo**: a ação verbal indica uma duração;
b. **Perfectivo**: a ação é cumprida, contrária à noção de duração;
c. **Iterativo**: a ação é repetida;
d. **Indeterminado**: o verbo reveste-se de um tom virtual, indiferente à atualização por qualquer categoria.

É sobre esse quadro que se ergue a arquitetura onomasiológica do livro: cada capítulo parte de uma noção, a duração, o completamente, a repetição, a indeterminação, e arrola os recursos de que a língua dispõe para exprimi-la. Nas conclusões, Castilho (1968, p. 115-116) hierarquiza esses elementos geradores: o aspecto português é, antes de tudo, “categoria tributária dos recursos lexicais da língua”, fundamentando-se de modo mais generalizado no semantema dos verbos; a flexão temporal, os adjuntos adverbiais e o tipo oracional comparecem como fatores secundários, ainda que não negligenciáveis.

Diante disso, a relação entre aspecto e tempo não é de exclusão, mas de coexistência. Como já salientava Castilho (1968, p. 116), as duas categorias não são exclusivas e ocorrem simultaneamente na mesma forma: “dizia”, por exemplo, explicita noções de passado (tempo) e durativo (aspecto), o que o faz admitir que tempo e aspecto seriam “duas faces de uma só realidade”. Na próxima seção, transpomos essa intuição para o Tempo presente no PB.

2.2 O Tempo presente no português brasileiro contemporâneo

O português brasileiro contemporâneo faz uso do presente sintético para veicular várias noções aspectuais, mas não a concomitância em relação à fala. Para veicular concomitância, o PB recorre necessariamente a uma forma analítica, encabeçada pelo auxiliar “estar” e seguida da forma não finita de gerúndio. A título de comparação, as versões portuguesa e brasileira de “O Pequeno Príncipe” mostram que, enquanto naquela a concomitância é disparada pelo presente sintético “fazes” (cf. também Mira Mateus *et al.*, 1989, p. 76), nesta o é pela forma analítica “está fazendo”:

- (2) (Contexto: o narrador, acidentado no deserto, dirige-se à criança que lhe surge:)
- a. — Mas... que **fazes** aqui? (PE)
 - b. — Mas o que diabos você **está fazendo** aqui? (PB)

A despeito de não veicular Tempo presente *per se*, a forma sintética veicula diferentes leituras aspectuais — durativa, habitual e genérica. Caso, em (2), no lugar de “está fazendo”, se empregasse a forma sintética “faz”, a leitura disparada seria a de que o personagem se interessa pelo tipo de atividade que a criança exerce. Nota-se, pois, que a primeira leitura associada à forma sintética de presente é a de **aspecto**, não a de **tempo**. Os contrastes em (3) e (4) sistematizam esse paradigma:

- (3) *Leituras do presente sintético no PB contemporâneo:*
- a. Durativa: João **faz** academia desde o ano passado.
 - b. Habitual: Eu **acordo** às 7 da manhã (, normalmente).
 - c. Genérica: Cães **são** amigos do homem. / Cães **latem**.
 - d. Tempo presente *per se*: *O que você *faz*? (= neste exato momento).
- (4) *Leituras do presente analítico “estar” + gerúndio no PB contemporâneo*
- a. Durativa: João **está fazendo** academia desde o ano passado.
 - b. Habitual: Eu **estou acordando** às 7 da manhã (, normalmente).
 - c. Genérica: *Cães *estão sendo* amigos do homem. / *Cães *estão latindo*.
 - d. Tempo presente *per se*: O que você *está fazendo*?

Notadamente, a forma analítica não veicula **apenas** tempo, mas também as mesmas nuances aspectuais da sintética, exceto a genérica (*cf.* 4c *contra* 3c), em geral indisponível à perífrase progressiva. Para veicular Tempo presente *per se*, portanto, o PB lança mão da forma analítica “estar” + gerúndio.

2.3 A base aspectual da interpretação de presente: Müller e Bertucci e Comrie

O paradigma ilustrado em (3) e (4) ganha fundamento semântico em Müller e Bertucci (2018). Os autores analisam a interpretação dos tempos *não marcados* (não passado/não futuro) em línguas como o PB, o inglês e o Karitiana, e mostram que a

leitura disponível, simultânea ou habitual/genérica, depende da interação entre o aspecto lexical (*Aktionsart*) e o aspecto gramatical. Em línguas de tipo passado/não passado, como o PB, predicados eventivos no presente simples disparam leitura habitual ou genérica, mas não a de simultaneidade, que exige a perífrase progressiva, ao passo que predicados estativos admitem a leitura simultânea:

- (5) *Predicado eventivo (accomplishment):*
 - a. #João **come** um sanduíche neste exato momento.
 - b. João **está comendo** um sanduíche neste exato momento (Müller; Bertucci, 2018).
- (6) *Predicado estativo:*
 - Maria **está** em casa neste momento (simultaneidade disponível).

A generalização é capturada pelo *Bounded Event Constraint* de Smith (2008), em que a leitura de presente (simultaneidade) requer que a forma descreva a eventualidade como não delimitada (*unbounded*); predicados delimitados, tipicamente eventivos, barram-na, de modo que a leitura *default* do tempo não marcado é a habitual/genérica, e o tempo não marcado simples carrega, em última análise, aspecto perfectivo (Müller; Bertucci, 2018). Daí prever-se que línguas desse tipo recorram a outra estratégia para a simultaneidade, exatamente a perífrase progressiva “estar” + gerúndio do PB. Convém notar que essa previsão converge com Castilho (1968): os **verbos télicos** no presente, que o autor reúne sob o *presente momentâneo*, são justamente os predicados delimitados que, segundo Müller e Bertucci (2018), resistem à leitura simultânea.

A própria noção de Tempo presente que mobilizamos é a de Comrie (1985, p. 36): o presente “invariavelmente localiza uma situação no momento presente, e nada diz além disso”. Importa, para a análise que se seguirá, um corolário dessa definição: o aspecto progressivo não compromete o valor de presente. O próprio exemplo de Comrie, qual seja: “the author is working on chapter two” ‘o autor está trabalhando no capítulo dois’, é Tempo presente (localiza a situação em *s*) acrescido de aspecto

progressivo. Por essa razão, “está fazendo” em (2b) é, sem ambiguidade, Tempo presente: o auxiliar “está” localiza a situação no momento da fala e o gerúndio aporta o aspecto. Comrie (1985, p. 37) observa, ademais, que os casos de coincidência *literal* do processo com o momento da fala são raros, restringindo-se aos **performativos** e aos relatos simultâneos (a narração esportiva), contextos que, como veremos na seção 4, resistem à analiticização no PB.

2.4 As leituras do presente à luz de Castilho (1968)

No estatuto que confere ao presente sintético, Castilho (1968) demonstra que a forma serve de suporte a valores aspectuais diversos ou a outros tempos. Mais especificamente, o autor fala em aspecto iterativo, indeterminado e virtual, além de empregos com valor de tempo futuro e tempo passado. Aos presentes com verbo télico, Castilho (1968, p. 81-82) dá o nome de **presente momentâneo**, em que se surpreende, por vezes, *um tom de futuro*. Na esteira de Imbs e de Bassols de Climent, o autor registra que o presente é incompatível com a ação perfeita, *donde o senso de futuro decorrente* (Castilho, 1968, p. 82).

- (7) *Presente momentâneo* (perfectivo pontual, verbo TÉLICO):
a. **Tomo** o carro, **parto** para as férias (Castilho, 1968, p. 81).
b. **Fecho** os olhos para não ver (Castilho, 1968, p. 81).

O presente das definições, ditados e truísmos exemplifica o que Castilho (1968, p. 103-104) classifica como aspecto **indeterminado**: a forma apresenta o processo de maneira vaga, imprecisa e **onitemporal**; a proposição é tida por verdadeira em qualquer momento, de modo que a forma de presente não localiza coisa alguma no eixo do tempo.

- (8) *Presente gnômico* (indeterminado, onitemporal):
a. A terra *gira* em torno do sol (Castilho, 1968, p. 104).
b. Uma semana *tem* sete dias (Castilho, 1968, p. 104).

Em (9), o presente assinala não um processo em curso, mas uma habilidade ou disposição do sujeito, leitura que Castilho (1968, p. 105), retomando Adolfo Coelho, denomina **virtual**. A esses valores somam-se o presente durativo (com verbos atélícos, ligado ao imperfeito cursivo) e o presente iterativo, que recobre séries de processos repetidos.

- (9) *Presente de disposição* ou *virtual*:
 - a. Será que esse bicho **morde**? (= é capaz de morder) (Castilho 1968, p. 105).
 - b. Filha minha não **casa** com filho de carcamano! (Castilho 1968, p. 105).
- (10) *Iterativo*:
 - a. “Eu sei que **falam** de mim”. Lins do Rêgo — PB 178 (Castilho 1968, p. 93).
 - b. “Desde que o mundo existe, os homens, antes de brigar e de amar, **bebem** vinho...” G. Figueiredo — DD 12 (Castilho 1968, p. 93).
- (11) *Valor modal*
“Mas enfim, se eu **embirro** com ela não me importa...” R. Brandão — H 47 (Castilho 1968, p. 17).
- (12) *Valor de futuro*
“Eu mesmo **posso**-te agora matar...” R. Brandão — P 157 (Castilho 1968, p. 19).
- (13) *Valor de passado*
“Quando **acorda**, Maria Clara já tinha tirado a mercedes da garagem”. C. H. Cony — AV 59 (Castilho 1968, p. 19).

Ao avaliar a importância da flexão para a expressão do aspecto, Castilho (1968, p. 110) sustenta que o imperfeito e o pretérito, conjugados com um verbo télico, tornam-no iterativo, ao passo que, conjugados com um atélíco, confirmam-lhe a tendência aspectual, o que o leva a falar em **tempos de tendência aspectual**. Assim, o presente e o imperfeito exprimem em geral a duração, ao passo que o pretérito e o mais-que-perfeito exprimem a pontualidade. Diante disso, Castilho (1968, p. 110) recusa explicitamente a posição de Garey, *para quem os tempos são imperfeitos e perfectivos*, pois, para aquele, não são as formas que carregam, elas próprias, o valor

aspectual, mas a interação entre a flexão e o semantema. A forma de presente não possui, pois, valor aspectual fixo nem valor temporal autônomo; é antes um lugar de passagem em que se manifesta a tendência aspectual do verbo.

O Quadro 1 sistematiza a correspondência entre a taxonomia descritiva de Castilho (1968), a tipologia de leituras que adotamos neste artigo e a semântica de Müller e Bertucci (2018), de modo a deixar claro, desde já, que as leituras durativa, habitual, genérica e iterativa são tratadas como **aspecto**, e não como tempo:

Quadro 1 — Correspondência entre as leituras do presente.

Castilho (1968)	Leitura adotada	Müller e Bertucci (2018)
Momentâneo (télico)	Aspecto (perfectivo/prospectivo)	Predicado delimitado: sem simultaneidade
Durativo / cursivo	Aspecto (durativo)	Estativo/imperfectivo: simultaneidade
Iterativo	Aspecto (habitual)	Habitual (default do não marcado)
Gnômico / indeterminado	Aspecto (genérico)	Genérico (default do não marcado)
Concomitância	Tempo presente <i>per se</i>	Simultaneidade (só estativo/progressivo)
Valor modal	Modo	—

Fonte: elaborado pelo autor.

3 O Tempo presente no passado do português brasileiro

Escavando o passado do Tempo presente no PB, Araújo-Adriano (2026) investigou peças de teatro dos séculos XVIII e XIX, mostrando que, nesse intervalo, o Tempo presente era veiculado tanto pela forma analítica “estar” + gerúndio (*cf.* 14), como no português contemporâneo, quanto, majoritariamente, pela forma sintética de presente (*cf.* 15):

- (14) a. SEMICÚPIO: [...] se lhe falo é capaz de acordar o cão do velho, que **está dormindo** (1737/18, GAM).
 b. CARLOS: Parece-me que **estou vendo** o D. Abbade horrorizado

(1845/19, ON).

c. PEDRO: Casamento **está fervendo!** (1857/19, ODF).

d. COMMENDADOR: ...já **está escurecendo...** são horas de fechar o panorama (1891/19, OT).

(15) a. JUIZ: Ainda **falla?**... Suspendo-lhe as garantías (1833/19, OJPR).

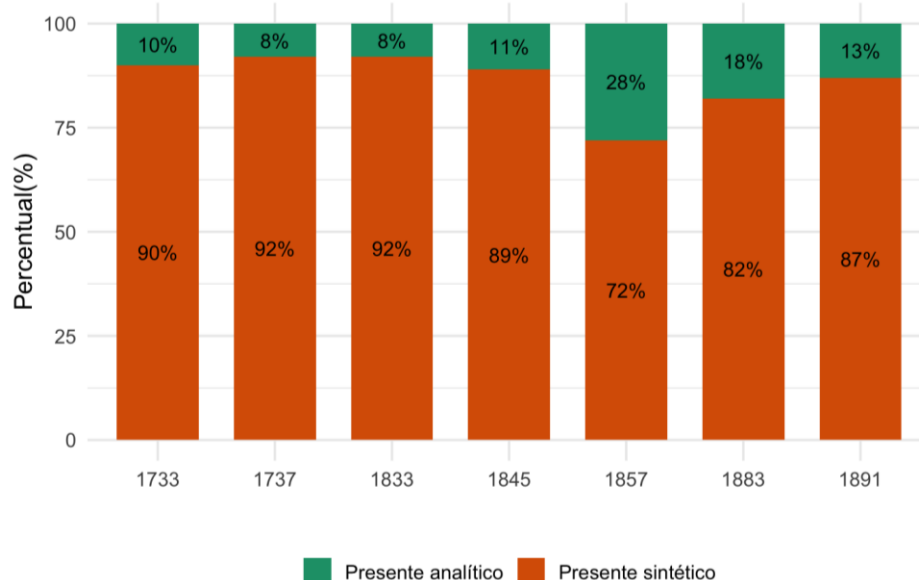
b. DOM GILVAZ: Pois entendes que Dona Nize **fala** deveras? (1737/18, GAM).

c. FLORENCIA: Prendam-no porque ele **foge** (1845/19, ON).

d. BRITO: ...**espero** aqui os meus colegas, temos que tratar de negócios do estado (1883/19, CM).

A Figura 1, reproduzida de Araújo-Adriano (2026), mostra que, nos séculos XVIII e XIX, tanto a forma sintética quanto a analítica de presente eram usadas pelos falantes de PB para veicular Tempo presente *per se*, com nítida prevalência da forma sintética (entre 72% e 92% das ocorrências).

Figura 1 – Tempo presente per se nos séculos XVIII e XIX: presente sintético vs. Analítico.



Fonte: elaborada pelo autor (baseada em Araújo-Adriano, 2026).

Os falantes dos séculos XVIII e XIX usavam ambas as formas não só para a simultaneidade, mas também para disparar noções aspectuais (16) e até leituras de passado, também tratadas como presente histórico/narrativo (17):

(16) a. AZEVEDO: **Janto** hoje com minha noiva; amanhã **parto** para minha

fazenda (1857/19, ODF).

b. DONA CLÓRIS: só **digo**, Senhor Dom Tibúrcio, que parece muito mal estar vossa mercê aqui... (1737/18, GAM).

(17) a. MOTTA: **Subo** ao morro do Pinto, e **encontro** a casa ocupada! (1891/19, OT).

b. MOTTA: Pois eu **subi** ao morro do Pinto e **encontrei** a casa ocupada (*A capital federal*, Arthur de Azevedo, 1897).

O caso de (17) é interessante, pois, na peça de 1891, “subir” aparece na forma de presente, mas sua leitura de passado é comprovada tanto pelo contexto quanto pela versão adaptada de 1897 do mesmo autor (17b), em que reescreve a passagem com uma forma de pretérito. Considerando que, entre os séculos XVIII e XIX, o Tempo presente podia ser veiculado pela forma analítica, mas o era majoritariamente pela sintética, propomo-nos a dar continuidade ao recorte e analisar peças de teatro de autoria brasileira dos séculos XX e XXI, a fim de identificar quando se implementa a preferência pela forma analítica, característica sinalizada por Castilho (1968), e quais suas consequências sintáticas.

3.1 Metodologia

Constituiu-se o *corpus* a partir de comédias teatrais escritas por autores brasileiros entre os séculos XIX e XXI, todas integrantes do *Corpus Histórico Anotado do Português Tycho Brahe*, em sua vertente brasileira, disponíveis na Plataforma Tycho Brahe (Veronesi; Galves, 2024). A opção pela comédia não foi ingênua. Visto que a comédia visa, por definição, ao riso a partir do cotidiano de personagens socialmente diversos, ela mobiliza uma linguagem tão próxima quanto possível da fala do público-alvo, mimetizando a oralidade corrente. Assumindo-se, na esteira da sintaxe diacrônica de orientação gerativista, que o objeto da investigação é o conhecimento linguístico, a Língua-I, de falantes de sincronias pretéritas, e que tal conhecimento é, por definição, inacessível à introspecção, o gênero cômico parece ser

uma das fontes mais confiáveis para essa gramática internalizada (*cf.* também Duarte, 2012).

No tratamento da datação, distinguem-se, na esteira de Paixão de Sousa (2004), (i) a *geração biológica*, ancorada na data de nascimento do autor, sob o pressuposto de que a gramática se fixa no período de aquisição (*cf.* Lightfoot, 1979); e (ii) a *geração histórica*, ancorada na data de publicação. Muito embora a gramática do dramaturgo se tenha fixado na infância, parece-nos que a língua mobilizada na peça é a do contexto de sua produção (*cf.* também discussão em Araújo-Adriano, 2026), sintonizada com o público; por isso, adotou-se preferencialmente a data de publicação, sem prejuízo de cotejá-la com a de nascimento sempre que o dado o exigir. Considerando os achados para os séculos XVIII e XIX apresentados no início da seção 3, as peças para a análise dos séculos XX e XXI estão apresentadas no Quadro 2.

Quadro 2 – Peças analisadas (séculos XIX–XXI).

Autor (nasc.)	Peça (publicação)	N.º palavras
Martins Pena (1815)	O juiz de paz na roça (1833)	6.897
Martins Pena (1815)	O noviço (1845)	17.563
José de Alencar (1829)	O demônio familiar (1857)	25.319
França Júnior (1838)	Caiu o ministério (1883)	14.629
Artur Azevedo (1855)	O tribofe (1891)	22.434
Gastão Tojeiro (1880)	Onde canta o sabiá (1920)	27.495
Gianfrancisco Guarnieri (1934)	Eles não usam black-tie (1957)	22.571
Miguel Falabella (1956)	A partilha (1990)	17.531
Paulo Sacaldassy (1966)	Fulana, Sicrana e Beltrana (2007)	8.548
Paulo Gustavo (1978)	Minha mãe é uma peça (2006)	33.075

Fonte: elaborado pelo autor.

O subconjunto totaliza cerca de 196 mil palavras distribuídas em peças selecionadas, considerando a nacionalidade do autor e procurando contemplar o início, o meio e o fim de cada século, com predomínio de autores do Rio de Janeiro. Por forma sintética entende-se a forma de presente simples do indicativo “canta”; por forma analítica, a perífrase progressiva “estar” + gerúndio “está cantando”. Quanto às

leituras, distinguiram-se (i) a leitura aspectual, em que a forma veicula valor imperfectivo (durativo, habitual ou genérico); (ii) a leitura **temporal**, dividida entre tempo presente *per se*, restrita à dêixis de presente *per se* (concomitância com a fala), tempo passado e tempo futuro; e (iii) a leitura **modal**. Reitere-se que as leituras genérica e habitual são tratadas como **aspectuais**, em conformidade com Castilho (1968) e Müller e Bertucci (2018), conforme ilustram os contrastes em (18):

- (18) a. A Maria **canta** muito bem (sintética; leitura genérica — aspectual).
b. Amanhã eu **viajo** (sintética; futuro programado — temporal).
c. A Maria **está cantando** (analítica; progressiva — aspectual).

As buscas valeram-se das etiquetas do sistema de anotação do Tycho Brahe (*cf.* Galves; Faria, 2010; Galves; Andrade; Faria, 2017), recuperando-se, para a forma sintética, os verbos lexicais flexionados no presente (19) e, para a analítica, a sequência do auxiliar “estar” no presente imediatamente seguido de um domínio gerundivo (20):

- (19) Busca sintética: **VB-P*** (verbo lexical no presente: “canta”, “falas”, “vejo”...).
- (20) Busca analítica: **ET-P*** precedes **VB-G*** (“está cantando”, “estou falando”, “estamos chegando”).

3.2 Resultados

Apresenta-se o panorama quantitativo da expressão do Tempo presente *per se* — a concomitância em relação ao momento da fala —, ao longo dos séculos XVIII a XXI. Integram-se os dados de Araújo-Adriano (2026), relativos aos séculos XVIII e XIX, aos dados dos séculos XX e XXI analisados neste trabalho, perfazendo 979 ocorrências (586 sintéticas, 393 analíticas) em doze recortes. A variável dependente é o tipo de estrutura que veicula o presente *per se*, sintética ou analítica; a variável independente central é o tempo, operacionalizado pela data de publicação. A Tabela 1 mostra a distribuição completa.

Tabela 1 – Tempo presente *per se*: distribuição sintético/analítico (XVIII–XXI).

-	Período	Peça	Sintético n (%)	Analítico n (%)	Total
Araújo-Adriano (2026)	18/1733	D. Quixote e Sancho Pança	109 (90,1)	12 (9,9)	121
	18/1737	GAM	162 (90,0)	18 (10,0)	180
	19/1833	OJPR	19 (90,5)	2 (9,5)	21
	19/1845	ON	60 (89,6)	7 (10,4)	67
	19/1857	ODF	67 (72,0)	26 (28,0)	93
	19/1883	CM	18 (85,7)	3 (14,3)	21
	19/1891	OT	57 (87,7)	8 (12,3)	65
Este trabalho	20/1920	Onde canta o sabiá	62 (52,5)	56 (47,5)	118
	20/1957	Eles não usam black-tie	12 (16,0)	63 (84,0)	75
	20/1990	A partilha	11 (16,9)	54 (83,1)	65
	21/2006	Minha mãe é uma peça	5 (3,8)	127 (96,2)	132
	21/2007	Fulana, Sicrana e Beltrana	4 (19,0)	17 (81,0)	21
	Total	-	586 (59,9)	393 (40,1)	979

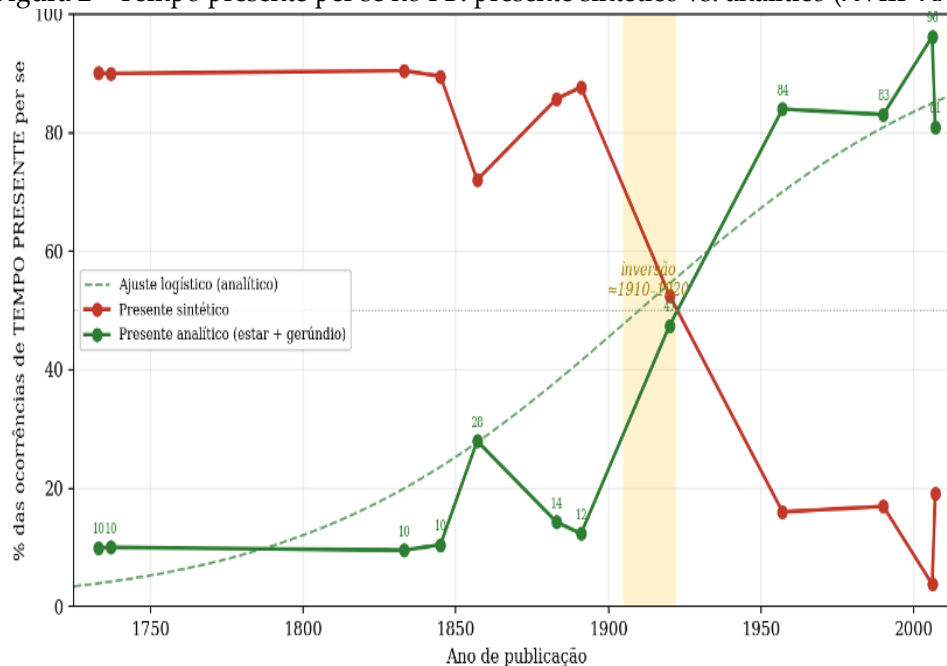
Fonte: elaborada pelo autor.

Como apresentado no início da seção 3, também visto na Tabela 1, ao longo dos séculos XVIII e XIX a forma sintética foi nitidamente dominante para veicular concomitância, oscilando entre 72,0% (1857) e 90,5% (1833) das ocorrências, sem inversão. A partir do século XX, contudo, o cenário altera-se de modo abrupto. Em 1920, as duas formas praticamente se equiparam, com ligeira maioria ainda sintética (52,5% *contra* 47,5%); já em 1957, a forma analítica consolida-se como majoritária (84,0%), atingindo 96,2% em 2006. A Figura 2 mostra essa trajetória, com o ajuste logístico (linha pontilhada) sobreposto.

No que se refere à inferência estatística, ajustou-se um modelo de regressão logística da forma (analítica = 1, sintética = 0) sobre o ano de publicação, em nível de ocorrência. O efeito diacrônico é altamente significativo: a cada século, a chance de a leitura de presente *per se* ser veiculada pela forma analítica multiplica-se por 6,09 ($\beta = 1,806$; IC 95% da razão de chances: 4,87–7,61; $z = 15,85$; $p < 0,001$; pseudo- R^2 de McFadden = 0,34). O modelo situa o ponto de cruzamento das duas curvas, o limiar em que a forma analítica passa a majoritária, no ano de 1910, em estreita conformidade

com o observado empiricamente entre 1920 e 1957. O resultado é corroborado por um teste de tendência de Cochran–Armitage ($Z = 19,50$; $p < 0,001$) e por um qui-quadrado de homogeneidade entre todos os recortes ($\chi^2(11) = 479,2$; $p < 0,001$). Agrupando-se os dados em dois blocos, a proporção de forma analítica salta de 13,4% nos séculos XVIII–XIX para 77,1% nos séculos XX–XXI, diferença estatisticamente robusta ($\chi^2 = 400,6$; $p < 0,001$; razão de chances = 21,8). É possível afirmar, portanto, com respaldo inferencial, que a substituição da forma sintética pela analítica na expressão do Tempo presente *per se* constitui mudança estatisticamente significativa, cuja implementação se concentra no primeiro quartel do século XX, daí a faixa em amarelo na Figura 2.

Figura 2 – Tempo presente per se no PB: presente sintético vs. analítico (XVIII–XXI).



Fonte: elaborada pelo autor.

Na análise dos dados, três generalizações emergem: (i) nos séculos XVIII e XIX, a forma sintética era a estratégia dominante para a concomitância, com a analítica em posição minoritária e estável; (ii) a inversão ocorre de modo concentrado por volta de 1910–1920; e (iii) no português contemporâneo, a forma analítica é categórica ou quase categórica. Esse percurso, de uma forma sintética que ainda licenciava Tempo a uma forma sintética restrita a Aspecto, será importante para a proposta da seção 4.

Para além da repartição sintético/analítico, apresentam-se os resultados da distribuição, ao longo da diacronia, das leituras veiculadas pelo presente sintético, aspectual, temporal e modal. A Tabela 2 mostra a distribuição das três leituras ao longo dos séculos XVIII a XXI, totalizando 6.634 ocorrências do verbo lexical no presente.

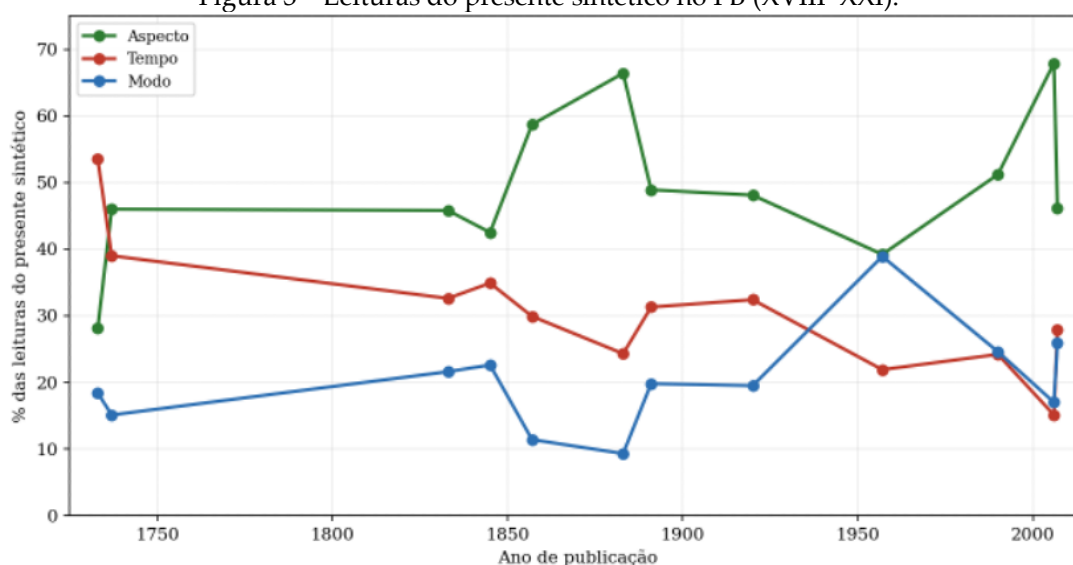
Tabela 2 – Leituras do presente sintético (XVIII–XXI).

Período	Aspecto n (%)	Tempo n (%)	Modo n (%)	Total
18/1733	107 (28,1)	204 (53,5)	70 (18,4)	381
18/1737	412 (46,0)	349 (39,0)	135 (15,1)	896
19/1833	87 (45,8)	62 (32,6)	41 (21,6)	190
19/1845	177 (42,5)	145 (34,9)	94 (22,6)	416
19/1857	455 (58,7)	232 (29,9)	88 (11,4)	775
19/1883	172 (66,4)	63 (24,3)	24 (9,3)	259
19/1891	328 (48,9)	210 (31,3)	133 (19,8)	671
20/1920	330 (48,1)	222 (32,4)	134 (19,5)	686
20/1957	287 (39,2)	160 (21,9)	285 (38,9)	732
20/1990	229 (51,2)	108 (24,2)	110 (24,6)	447
21/2006	595 (67,9)	132 (15,1)	149 (17,0)	876
21/2007	141 (46,2)	85 (27,9)	79 (25,9)	305
Total	3320 (50,0)	1972 (29,7)	1342 (20,2)	6634

Fonte: elaborada pelo autor.

A Figura 3 mostra essa distribuição num gráfico.

Figura 3 – Leituras do presente sintético no PB (XVIII–XXI).



Fonte: elaborada pelo autor.

A inferência estatística confirma, em primeiro lugar, que a distribuição das leituras não é homogênea ao longo do tempo: o qui-quadrado de homogeneidade é altamente significativo ($\chi^2(22) = 536,0$; $p < 0,001$; V de Cramér = 0,20). Decompondo-se a tendência por leitura, três padrões emergem, quais sejam: (i) a leitura temporal exhibe declínio robusto e monotônico: sua chance diminui à razão de 0,66 por século ($p < 0,001$; Spearman $\rho = -0,84$; $p = 0,001$), retraindo-se de 53,5% em 1733 para 15,1% em 2006; (ii) a leitura aspectual cresce de modo significativo no nível das ocorrências (razão de chances = 1,23 por século; $p < 0,001$; Cochran–Armitage $Z = +7,86$), embora a tendência no nível das proporções por período seja menos nítida ($\rho = +0,48$; $p = 0,12$), dado seu caráter flutuante, com picos em 1883 (66,4%) e 2006 (67,9%); e (iii) a leitura modal também aumenta (razão de chances = 1,25 por século; $p < 0,001$), impulsionada sobretudo pelo recorte de 1957 (38,9%).

O dado mais saliente, contudo, é a inversão da balança entre as leituras aspectual e temporal. Restringindo-se a análise a essas duas leituras, a chance de a interpretação ser aspectual, e não temporal, multiplica-se por 1,48 a cada século ($p < 0,001$): a razão aspectual/temporal passa de 0,52 em 1733, quando o presente sintético ainda era majoritariamente temporal, para 4,51 em 2006. O presente sintético, pois, especializa-se progressivamente como forma aspectual, à medida que cede sua função temporal.

Esses resultados corroboram a hipótese de que a tendência aspectual do presente sintético sempre esteve presente no PB. De fato, a leitura aspectual é substancial em todos os recortes, nunca inferior a 28%, e constitui a leitura mais frequente em onze dos doze períodos; a única exceção é 1733, em que a leitura temporal ainda predomina (53,5%). A tendência aspectual é, sim, uma constante da forma sintética ao longo de quase toda a diacronia documentada. Quanto à acentuação nos últimos quartis, os dados a corroboram apenas parcialmente: o crescimento da leitura aspectual, embora significativo no cômputo das ocorrências, não é monotônico (2007 recua a 46,2%) e reparte-se com a leitura modal. O que se acentua de modo

inequívoco e contínuo, e isso nos parece crucial, é a retração da leitura temporal, contraface necessária da especialização aspectual.

Examinada a forma sintética, passa-se às leituras da forma analítica “estar” + gerúndio. A Tabela 3 mostra a distribuição das três leituras nas peças analisadas, perfazendo 507 ocorrências da perífrase. Note-se que a leitura temporal da Tabela 3 abrange todas as noções temporais veiculadas pela perífrase, ao passo que a Tabela 1 contabiliza apenas o Tempo presente *per se*, a concomitância com a fala. Daí a diferença entre os totais temporais das duas tabelas (398 contra 393): as cinco ocorrências excedentes correspondem a leituras temporais não presentes, uma de passado em 1957 e quatro de futuro, duas em 1990 e duas em 2006.

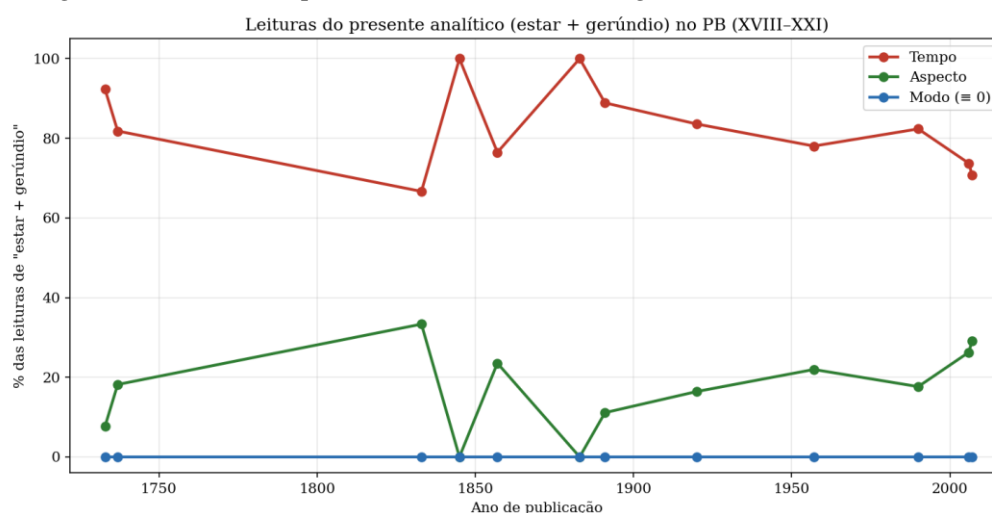
Tabela 3 – Leituras do presente analítico “estar” + gerúndio (XVIII–XXI).

Período	Temporal n (%)	Aspecto n (%)	Modo n (%)	Total
18/1733	12 (92,3)	1 (7,7)	0 (0,0)	13
18/1737	18 (81,8)	4 (18,2)	0 (0,0)	22
19/1833	2 (66,7)	1 (33,3)	0 (0,0)	3
19/1845	7 (100,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	7
19/1857	26 (76,5)	8 (23,5)	0 (0,0)	34
19/1883	3 (100,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	3
19/1891	8 (88,9)	1 (11,1)	0 (0,0)	9
20/1920	56 (83,6)	11 (16,4)	0 (0,0)	67
20/1957	64 (78,0)	18 (22,0)	0 (0,0)	82
20/1990	56 (82,4)	12 (17,6)	0 (0,0)	68
21/2006	129 (73,7)	46 (26,3)	0 (0,0)	175
21/2007	17 (70,8)	7 (29,2)	0 (0,0)	24
Total	398 (78,5)	109 (21,5)	0 (0,0)	507

Fonte: elaborada pelo autor.

Essa distribuição também é apresentada no formato de gráfico na Figura 4, abaixo.

Figura 4 – Leituras do presente analítico (“estar” + gerúndio) no PB (XVIII–XXI).



Duas observações dos dados acima merecem destaque. Em primeiro lugar, a leitura modal é categoricamente ausente: em nenhum documento a perífrase “estar” + gerúndio veicula valor modal (0 em 507). Esse resultado contrasta de modo nítido com o do presente sintético, que licenciava leituras modais em todos os períodos, *cf.* Tabela 2, e corrobora a descrição da seção 2. Em segundo lugar, a leitura temporal é dominante ao longo de todo o período (78,5% no cômputo geral, sendo 77,5% de presente *per se* e 1,0% de outras leituras temporais), com a aspectual em posição minoritária, porém constante (21,5%).

O qui-quadrado de homogeneidade entre as leituras temporal e aspectual ao longo dos doze recortes não é significativo ($\chi^2(11) = 10,1$; $p = 0,52$). Não se rejeita, pois, a hipótese de distribuição estável das duas leituras ao longo do tempo. Quanto a uma eventual tendência de crescimento da aspectual, há, no máximo, um indício no limiar da significância, que não a alcança (regressão logística: razão de chances = 1,34 por século, $p = 0,070$; Cochran–Armitage $Z = +1,82$, $p = 0,068$; o resultado se mantém considerando-se apenas o Tempo presente *per se*: razão de chances = 1,35, $p = 0,062$). Aqui, é preciso fazer uma ressalva: os recortes oitocentistas mais antigos têm frequência muito baixa ($n = 3$ a 9), de modo que proporções extremas, como os 100%

temporais de 1845 e 1883, devem ser encaradas como efeito de amostragem, e não como propriedade estrutural e categórica.

Em suma, os resultados confirmam que as leituras aspectual e temporal sempre conviveram na forma analítica: ambas estão atestadas ao longo de toda a diacronia, e a balança entre elas não se altera de modo significativo ($\chi^2(11) = 10,1$; $p = 0,52$). Comparativamente, o presente analítico apresenta perfil especular ao do sintético: enquanto a forma sintética se especializou aspectualmente, perdendo de modo significativo a leitura temporal, a analítica manteve, de modo estável, a coexistência das leituras temporal (dominante) e aspectual (minoritária), jamais acessando a modal. Na próxima seção, damos um tratamento formal a esses resultados.

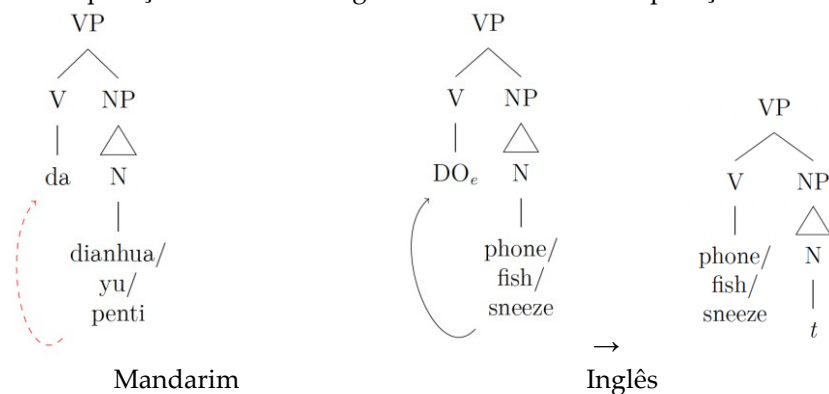
4 Uma proposta explicativa

Sob os pressupostos da Gramática Gerativa, formas analíticas e sintéticas são concebidas como produto de derivações sintáticas distintas, que envolvem a operação de movimento. Ao comparar o inglês com o mandarim, Huang (2015) nota que, para veicular eventualidades simples como “pescar” ou “telefonar”, o chinês emprega um verbo leve ‘*dǎ*’ “acertar/bater” precedendo raízes nominais-verbais, como em (21):

- (21) a. *dǎ yú* ‘lit. acertar peixe’ “pescar”
b. *dǎ diànhuà* ‘acertar telefone’ “telefonar”

Diferentemente do chinês, o inglês não dispõe de realização morfológica desse verbo leve, veiculando a mesma eventualidade num único item (*‘fish’*, *‘telephone’*). Huang (2015) propõe que os verbos do inglês são gerados por incorporação do nome a um núcleo verbal, ao passo que no mandarim moderno essa incorporação é bloqueada pela presença do verbo leve ‘*dǎ*’. O ponto comum que nos interessa é a generalização subjacente: analiticidade equivale a menos movimento/incorporação. A Figura 5 esquematiza as derivações.

Figura 5 – Incorporação nominal no inglês vs. ausência de incorporação no chinês.

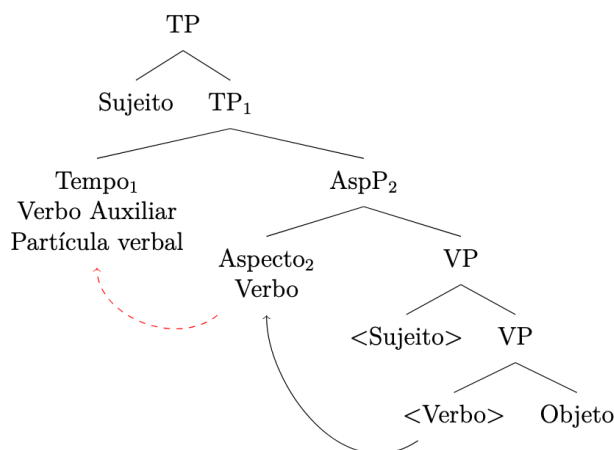


Mandarim
Fonte: elaborada pelo autor (adaptado de Huang, 2015).

A mesma generalização alcança o domínio verbal: formas sintéticas apresentam movimento do verbo, ao passo que formas analíticas o bloqueiam. Reintges e Cyrino (2018) notam que, na medida em que auxiliares e partículas estão diretamente concatenados ou movidos a TP (Roberts, 1993; Cinque, 1999; Roberts; Roussou, 2003; Biberauer; Roberts, 2012; Harwood, 2013; Araújo-Adriano; Corôa, 2025), não há espaço para o movimento do verbo lexical à zona de T, dada a presença de um elemento, o auxiliar, em TP. Nessa direção, Reintges e Cyrino (2018, p. 183) argumentam que “a analiticização restringe severamente o escopo das operações de movimento do verbo”¹. Esse escopo limitado do movimento do verbo em sistemas analíticos, sinalizado pelo pontilhado, é esboçado na Figura 6, abaixo, onde se vê que o verbo se move até uma projeção mais baixa, não mais alta, onde já se encontra um auxiliar.

¹ No original: *analyticization severely restricts the scope of verb movement operations.*

Figura 6 – Restrição de movimento em uma estrutura analítica



Fonte: elaborada pelo autor (adaptada de Reintges; Cyrino, 2018).

Levando isso em consideração, parece possível revisitar a descrição castilhana à luz da Gramática Gerativa. O que Castilho (1968) registra como esvaziamento temporal do presente sintético tem, na literatura gerativista sobre o PB, contrapartida estrutural precisa, com a perda de movimento do verbo lexical à zona de Tempo. Como discute Cyrino (2013), a perda do movimento alto do verbo lexical a T relaciona-se ao incremento das formas analíticas; nas formas sintéticas do PB, o verbo lexical teria perdido o conteúdo temporal, alçando-se apenas à zona de Asp para checar traços aspectuais, ao passo que o auxiliar passa a responder pela checagem dos traços temporais em T, como se vê em (22):

- (22) a. A Maria **canta** [*genérica/habitual; não a de concomitância*].
 b. A Maria **está cantando** [*concomitância — Tempo presente per se*].

Como os dados diacrônicos sugerem (*cf.* seção 3.2), até o fim do século XIX o presente sintético do PB veiculava, entre outras leituras, a de Tempo presente *per se*. Após esse período, essa leitura deixou de ser disparada pela forma sintética, e a perífrase “estar” + gerúndio, sempre presente no sistema, passou a ser a forma preferida para exprimi-la. Em termos formais, houve uma mudança paramétrica, de meso- a microparâmetro, conforme se explora abaixo.

Considerando reflexões mais recentes da Gramática Gerativa, que, para dar conta de aspectos evolutivos, reduzem ao máximo a Gramática Universal, a variação linguística “decorre de aspectos subespecificados da GU [Gramática Universal] e é estruturada por propriedades do terceiro fator, resultando em grande medida da necessidade de aprendizagem eficiente”² (Roberts, 2012, p. 321). Não haveria, pois, parâmetros pré-especificados na Gramática Universal: eles seriam determinados por estratégias de aprendizado, Generalização de Input e Economia de Traços, durante a aquisição. A partir da Conjectura Borer–Chomsky (Baker, 2008, p. 353), segundo a qual a variação paramétrica decorre da presença/ausência de traços nos itens funcionais, o novo modelo de Princípios e Parâmetros assume uma Hierarquia de Parâmetros (Biberauer; Roberts, 2012; Biberauer, 2017; Roberts, 2019), que vai de um traço maximamente presente em todos os núcleos funcionais a um traço restrito a poucos núcleos, conforme (23):

- (23) Para um valor v_i de um traço F parametricamente variante:
- a. **Macroparâmetros:** todos os núcleos de um tipo relevante (todas as sondas, todos os núcleos fásicos) compartilham v_i ;
 - b. **Mesoparâmetros:** todos os núcleos de uma classe natural (e.g. [+V]) compartilham v_i ;
 - c. **Microparâmetros:** uma subclasse pequena de núcleos funcionais (e.g. auxiliares modais) compartilha v_i ;
 - d. **Nanoparâmetros:** um ou mais itens lexicais individuais estão especificados para v_i .

À luz dessa hierarquia, dizer que o PB passou de meso- a microparâmetro significa que a projeção funcional de Tempo T, que antes estabelecia relação com qualquer classe verbal finita, lexical ou funcional, restringiu-se aos auxiliares, tornando-se inerte quanto aos verbos lexicais, que não mais disparam noções temporais, mas apenas aspectuais. Alinhando a generalização à presença/ausência de

² No original: *arises from underspecified aspects of UG and is structured by third-factor properties arising largely from the need for efficient learning.*

traços, a proposta é que T portava um traço não interpretável μ T em relação a todos os elementos [+V] até o fim do século XIX, daí tanto “estar” quanto os verbos sintéticos poderem disparar Tempo presente *per se*, ao passo que o PB dos séculos XX e XXI passa a apresentar T relacionando-se não mais com verbos lexicais, mas apenas com o auxiliar “estar”. Como o traço não interpretável desencadeia movimento (cf. Schifano, 2018), no primeiro cenário tanto o verbo lexical quanto o auxiliar se moviam a T; no segundo, os verbos sintéticos deixam de se mover a T, deixando o movimento apenas ao auxiliar (24):

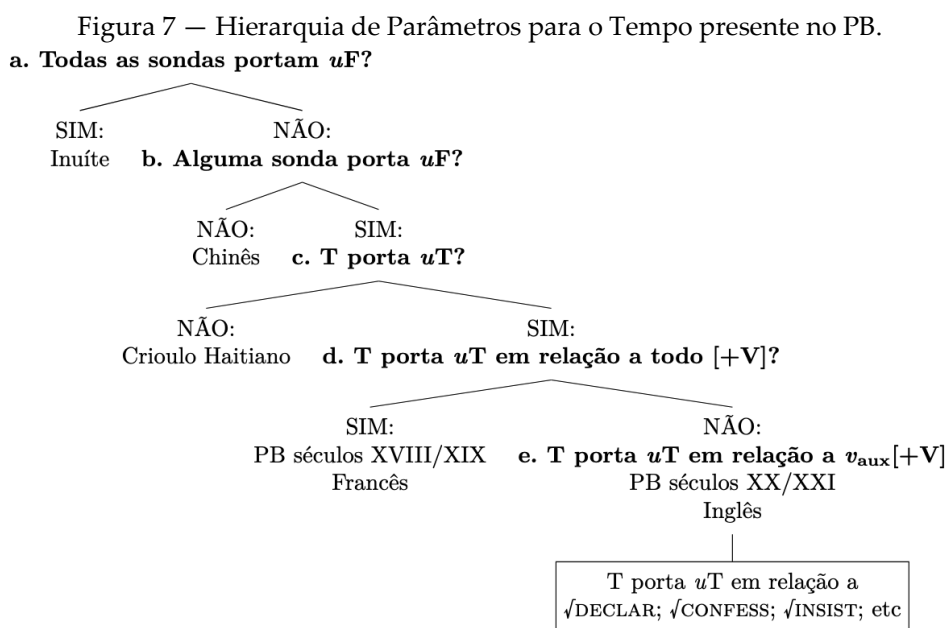
- (24) a. PB nos séculos XVIII e XIX
 T = [μ T] associado a V: **sim**; a v_{aux} : **sim**.
 b. PB nos séculos XX e XXI
 T = [μ T] associado a V: **não**; a v_{aux} : **sim**.

Conforme se viu na Tabela 1, há ainda no PB contemporâneo verbos sintéticos de presente que veiculam simultaneidade em relação à fala. De modo interessante, esses são os casos de verbos performativos (Austin, 1962), como “declarar”, “confessar” e “aceitar”:

- (25) a. – **Agradeço** a vossa confiança! (1845, *O noviço*).
 b. – E te **juro** pela alma de minha mãe que eu caso com Maria e não faço ela passar necessidade (1957, *Eles não usam black-tie*).
 c. – **Prometo** que não vou morder ninguém! (2006, *Minha mãe é uma peça*).

Como apenas um pequeno conjunto lexicalmente definido de verbos sintéticos licencia Tempo presente *per se* no PB contemporâneo, a proposta é que eles integram um nanoparâmetro (cf. 23d). Nos séculos XVIII e XIX, os verbos sintéticos em geral se moviam a T, isto é, não se comportavam de modo distinto dos performativos; só depois que T restringiu apenas aos auxiliares os elementos que sonda é que os performativos, fósseis do sistema anterior, se tornaram exceção ao padrão

contemporâneo. As crianças dos séculos XX e XXI veiculam Tempo presente via auxiliares, mas armazenam no léxico um conjunto pequeno de itens, apenas 4,8% no *corpus* diacrônico, que desvia do padrão geral. Convém notar que esses verbos coincidem com os casos que Comrie (1985, p. 37) aponta como de coincidência *literal* com o momento da fala (performativos e narração simultânea), e com a exceção que Müller e Bertucci (2017) registram para o tempo não marcado, convergência que reforça o estatuto residual desses itens. A Figura 7 apresenta a Hierarquia de Parâmetros para o Tempo presente no PB.



Fonte: elaborada pelo autor.

4.1 Evidência independente: a posição do verbo em relação a advérbios

Considerando uma estrutura minimamente articulada, como a de (26) (*cf.* também Figura 6), o corolário da perda dos traços de T em relação aos verbos lexicais é que esses verbos deixaram de se mover a T nos séculos XX e XXI, passando a relacionar-se apenas com a projeção mais baixa, a de Aspecto:

$$(26) \text{ [TP T [AspP Asp [vP v ...]]]}$$

Evidência independente dessa perda, restrita aos verbos lexicais, não aos auxiliares, advém da posição do verbo em relação a advérbios. Assumindo que advérbios como “sempre” aspectual/temporal se localizam na zona aspectual da estrutura (Cinque, 1999; Schifano, 2018), o movimento do verbo lexical a T deixa rastro quando o verbo **precede** tal advérbio. Nas peças do século XIX, o verbo lexical antecede “sempre” (27), padrão de movimento alto (29a); já no PB contemporâneo, o mais natural é o verbo seguir o advérbio (28), padrão gerado pelo verbo retido em Asp (29b):

- (27) a....podemos odiá-lo um dia, porém o **respeitamos** *sempre* (1857, *O demônio familiar*).
 b. O senhor nunca nos incomoda, **dá**-nos *sempre* muito prazer (1883, *Caiu o ministério*).
- (28) a. Eu *sempre* **choro**, quando vejo (1990, *A partilha*).
 b. Porque mãe *sempre* **dá** um jeito (2006, *Minha mãe é uma peça*).
- (29) a. Séc. XIX
 [TP respeitamos [_{AspP} *sempre* [~~respeitamos~~ ...]]] (V > *sempre*)
 b. Séc. XX–XXI
 [TP [_{AspP} *sempre* choro [~~choro~~]]] (*sempre* > V)

Ou seja, enquanto nos séculos XVIII e XIX os verbos lexicais, e também os funcionais, se relacionavam tanto com Asp quanto com T, disparando leituras aspectuais e temporais, após esse período os verbos lexicais movem-se apenas até Asp, licenciando as noções aspectuais já discutidas. Como os auxiliares continuam a mover-se a T, sempre licenciaram Tempo presente *per se* e também noções aspectuais (30):

- (30) a. PB nos séculos XVIII e XIX
 T = [_uT] em relação a V: sim; a *v_{aux}*: sim.
 Asp = [_uAsp] em relação a V: sim; a *v_{aux}*: sim.

Output: “chora” = TEMPO/ASPECTO;

“está chorando” = TEMPO/ASPECTO.

b. PB nos séculos XX e XXI

T = [*u*T] em relação a V: não; a *v*_{aux}: sim.

Asp = [*u*Asp] em relação a V: sim; a *v*_{aux}: sim.

Output: “chora” = ASPECTO;

“está chorando” = TEMPO/ASPECTO.

4.2 Um contraponto necessário: o presente e o passado nos habituais

A proposta de (24) e (30) pode levantar o seguinte questionamento: se o verbo lexical no presente sintético não checa mais T, como é que “chove” (hábito presente) ainda contrasta com “chovia” (hábito passado)? A resposta exige distinguir dois “presentes” que não se devem confundir. O que se perdeu foi o traço dêitico [presente] = momento do evento E coincidente com o momento da fala S (a concomitância), e não a ancoragem *default* ao não passado. Num sistema de traços privativos, [passado] é o traço marcado e o não passado é a realização *elsewhere* ‘alhures’. Assim, o contraste “chove”/“chovia” é um contraste [$\pm$ passado] sobre o momento de referência (R), e não a manifestação do traço dêitico perdido. Em termos reichenbachianos (Reichenbach, 1947):

- (31) a. chove (chuva agora, perdido no PB): S, R, E coincidem.
 b. está chovendo (agora): S, R, E coincidem, com ponto de vista progressivo; presente disparado pelo auxiliar.
 c. chove (hábito presente): R = S (não passado, *default*); E₁...E_n distribuídos por um operador *Gen* em Asp.
 d. chovia (hábito passado): R < S ([+passado]); E₁...E_n distribuídos por *Gen*.

Note-se que (31c) e (31d) compartilham a parte aspectual, o operador *Gen* em Asp, e diferem apenas na posição do ponto R: R = S em (31c), R < S em (31d). O hábito presente em “chove” recebe sua leitura de presente por *default* (ausência de [passado]), sem que o verbo lexical cheque o traço dêitico [presente] em T; o hábito passado

“chovia” carrega [+passado], traço que a analiticização do presente não removeu. O contraste “chove”/“chovia”, portanto, não reabre o flanco: ele vive na zona [±passado]/Asp, e não no T dêitico que o presente sintético perdeu, traço hoje veiculado apenas por “estar” + gerúndio.

4.3 A atuação da mudança: ambiguidade na aquisição, economia de traços e contato

As seções 4.1 e 4.2 responderam ao *que* mudou, a perda do movimento do verbo lexical a T e a consequente passagem de meso- a microparâmetro, mas isso traz algumas reflexões sobre o problema da atuação (Weinreich; Labov; Herzog, 1968, p. 102): por que a mudança se implementa no fim do século XIX e começo do século XX, e não antes nem depois, se tanto a forma sintética quanto a analítica sempre constituíram evidência positiva para a criança? Adotamos a concepção, hoje corrente, de que a mudança sintática se dá na aquisição, por abdução (Andersen 1973; Lightfoot 1979), isto é, exposta a um *input* compatível com mais de uma gramática, a criança pode abduzir uma gramática distinta da dos pais, que gera as mesmas cadeias. A questão, então, é qual ambiguidade no *input* licenciou a reanálise.

Na esteira de Araújo-Adriano (2026), propomos que o *input* das crianças dos séculos XVIII e XIX era **P-ambíguo** (Roberts, 2017), ou seja, sentenças de Tempo presente *per se* podiam ser geradas alçando-se a T tanto o auxiliar quanto o verbo lexical, já que T portava o traço [*u*T] em relação a ambos. Diante de duas representações adequadas, a aquisição foi enviesada pela **Economia de Traços** (Roberts; Roussou, 2003, p. 201):

(32) *Economia de Traços* (Roberts; Roussou, 2003, p. 201):

Dadas duas representações estruturais adequadas R, R' para uma subcadeia do *input* (DLP), escolha R se e somente se R tem *n* traços formais distintos e R' tem *m* > *n* traços formais distintos.

Assumindo que as categorias lexicais têm especificação de traços mais rica que as funcionais e que os núcleos mais baixos são mais ricos que os mais altos (Biberauer; Roberts, 2017, p. 147), o verbo sintético, categoria lexical, é mais complexo que o auxiliar funcional, e este, ademais, aparece mais alto, mais próximo da sonda T. Gerar Tempo presente *per se* via auxiliar é, pois, a derivação menos custosa. Resolvida a ambiguidade em favor da representação mais simples, o corolário é a perda de traços (Roberts; Roussou, 2003): T perde [*u*T] em relação a verbos lexicais e torna-se temporalmente inerte, exatamente o resultado representado em (24b) e (30b).

Uma segunda hipótese, complementar, atribui a atuação ao contato linguístico (Roberts 2017; Avelar; Galves, 2016). Dados histórico-demográficos indicam que os africanos foram a maioria da população do Brasil entre os séculos XVI e XIX (Mussa, 2011). Na aquisição do português como segunda língua, falantes de línguas Níger-Congo (bantas) teriam transferido propriedades de suas próprias gramáticas e deixado de adquirir propriedades, sobretudo morfológicas, da língua-alvo (Avelar; Galves 2016, p. 251), de modo que o PB se constituiu como uma língua mista, sem, contudo, ser reinterpretado como língua banta, dada a proporção constante de falantes nativos de português. Como as línguas bantas exibem tendência analítica no domínio verbal, o contato teria sido a força externa que, na esteira do Princípio da Inércia de Keenan (2002, p. 3), segundo o qual “as coisas permanecem como estão a menos que uma força atue sobre elas”, perturbou o *input*, ampliou sua ambiguidade e desencadeou a escolha da representação mais simples, qual seja: a com verbo auxiliar.

Parece-nos que as duas hipóteses não competem. O contato fornece a força atuante externa; a economia de traços, o mecanismo interno de reanálise na aquisição. Ambas convergem para a retração de meso- a microparâmetro descrita na seção 4 e inscrevem-se num plano tipológico mais amplo: a mudança de um sistema com tendência sintética a um com tendência analítica atestada em variedades de línguas europeias (Harpelmath; Michaelis, 2017). Nessa perspectiva, o PB não faz senão implementar, no domínio do Tempo presente, um movimento recorrente nessas

línguas. Convém, por fim, registrar o ônus da prova que pesa sobre a hipótese do contato: para sustentá-la, seria necessário demonstrar que as línguas africanas em contato no período colonial já exibiam a tendência analítica que hoje se lhes atribui. Dados os limites deste artigo, coloca-se esse ponto para questões futuras.

5 Conclusões

Este trabalho investigou, sob a perspectiva da Gramática Gerativa, a expressão do Tempo presente no PB ao longo de quatro séculos, tomando como ponto de partida, e como homenagem, a “Introdução ao estudo do aspecto verbal” de Castilho (1968). O que o autor descreve, em perspectiva onomasiológica, como um presente de tom virtual, de tendência aspectual, é implementado, em nossa proposta formal, como um verbo lexical que, no presente sintético, não alcança T e se detém em Asp.

No plano empírico, três achados sustentam essa releitura: (i) a substituição da forma sintética pela analítica na expressão do Tempo presente *per se* é estatisticamente significativa e concentra-se no primeiro quartel do século XX (ponto de cruzamento estimado em 1910); (ii) o presente sintético especializa-se progressivamente como forma aspectual, com retração robusta e monotônica da leitura temporal; e (iii) a forma analítica “estar” + gerúndio mantém, de modo estável, a coexistência das leituras temporal e aspectual, jamais acessando a modal.

No plano teórico, a mudança foi implementada como retração paramétrica de meso- a microparâmetro, na Hierarquia de Parâmetros: a projeção T deixa de portar [*u*T] em relação a todos os elementos [+V] e passa a relacioná-lo apenas com o auxiliar, restando os performativos como um nanoparâmetro residual. O que se perdeu, portanto, pode ser descrito numa escala de quatro níveis, organizada no Quadro 3.

Quadro 3 – A escala do que se perdeu no presente sintético do PB.

Nível	O que se perdeu
Leitura	a interpretação E = S (concomitância com a fala)
Traço	o traço dêitico [presente] / [uT] de T em relação ao verbo lexical
Movimento	o alçamento do verbo lexical a T (V detém-se em Asp)
Parâmetro	o valor que vinculava T às classes lexicais (meso → micro → nano)

Fonte: elaborado pelo autor.

Convém mais uma vez ressaltar, por fim, que a perda não é a de o PB deixar de localizar situações no momento da fala; o Tempo presente segue plenamente disponível, apenas migrou para a forma analítica, mas a da capacidade de o verbo lexical sintético fazê-lo. A convergência entre a descrição de Castilho (1968), a semântica aspectual de Müller e Bertucci (2018), a teoria do tempo de Comrie (1985) e os dados diacrônicos aqui apresentados sugere que, onde Castilho falava em *tendência*, a teoria do movimento sintático fala em posição de pouso. Entre os desdobramentos, fica em aberto verificar se o mesmo padrão de retração de V a T se estende a outros tempos do paradigma, o que apontaria para um processo de analiticização generalizado no PB.

Quanto à atuação da mudança, propusemos que ela resulta da resolução, na aquisição e por abdução (Andersen, 1973), de uma ambiguidade paramétrica em favor da representação menos custosa (Economia de Traços; Roberts; Roussou, 2003), possivelmente desencadeada pelo contato linguístico que marcou a formação do PB (Avelar; Galves, 2016) e inscrita numa deriva tipológica mais ampla, rumo à analiticização (Haspelmath; Michaelis, 2017).

Referências

ANDERSEN, H. Abductive and deductive change. **Language**, v. 49, n. 4, p. 765-793, 1973. DOI <https://doi.org/10.2307/412063>

ARAÚJO-ADRIANO, P. Â.; CORÔA, W. A ordem do verbo na história do PB: questões para periodização. **Working Papers em Linguística**, [s. l.], v. 26, p. 257-301, 2025. DOI <https://doi.org/10.5007/1984-8420.2025.e100459>

ARAÚJO-ADRIANO, P. Â. O TEMPO PRESENTE no português brasileiro dos séculos XVIII e XIX: um panorama sintático-diacrônico. **Études romanes de Brno**. (no prelo), 2026.

AUSTIN, J. L. **How to do things with words**. Oxford: Clarendon Press, 1962.

AVELAR, J. O.; GALVES, C. From European to Brazilian Portuguese: a parameter tree approach. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 58, n. 2, p. 237-256, 2016. DOI <https://doi.org/10.20396/cel.v58i2.8647153>

BAKER, M. The macroparameter in a microparametric world. In: BIBERAUER, T. (ed.). **The limits of syntactic variation**. Amsterdam: John Benjamins, 2008. p. 351-373. DOI <https://doi.org/10.1075/la.132.16bak>

BIBERAUER, T. Factors 2 and 3: a principled approach. **Cambridge Occasional Papers in Linguistics**, v. 10, p. 38-65, 2017.

BIBERAUER, T.; ROBERTS, I. Towards a parameter hierarchy for auxiliaries: diachronic considerations. **Cambridge Occasional Papers in Linguistics**, v. 6, p. 267-294, 2012.

BIBERAUER, T.; ROBERTS, I. Parameter setting. In: LEDGEWAY, A.; ROBERTS, I. (ed.). **The Cambridge handbook of historical syntax**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. p. 134-162. DOI <https://doi.org/10.1017/9781107279070.008>

CASTILHO, A. T. de. **Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa**. Marília: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, 1968.

CINQUE, G. **Adverbs and functional heads: a cross-linguistic perspective**. Oxford: Oxford University Press, 1999. DOI <https://doi.org/10.1093/oso/9780195115260.001.0001>

COMRIE, B. **Tense**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9781139165815>

CYRINO, S. On richness of tense and verb movement in Brazilian Portuguese. In: CAMACHO-TABOADA, V. *et al.* (ed.). **Information structure and agreement**. Amsterdam: John Benjamins, 2013. p. 297-318. DOI <https://doi.org/10.1075/la.197.11cyr>

DUARTE, M. E. L. Introdução. In: DUARTE, M. E. L. (org.). **O sujeito em peças de teatro (1833-1992): estudos diacrônicos**. São Paulo: Parábola, 2012. p. 11-19.

GALVES, C.; FARIA, P. **Tycho Brahe Parsed Corpus of Historical Portuguese**. Campinas: Unicamp, 2010.

GALVES, C.; ANDRADE, A. L.; FARIA, P. **Tycho Brahe Parsed Corpus of Historical Portuguese**. Campinas: Unicamp, 2017. DOI <https://doi.org/10.1075/lv.00004.gal>

HARWOOD, W. **Being progressive is just a phase: dividing the functional hierarchy**. 2013. Tese (Doutorado) - Ghent University, Ghent, 2013.

HASPELMATH, M.; MICHAELIS, S. M. Analytic and synthetic: Typological change in varieties of European languages. In: BUCHSTALLER, I.; SIEBENHAAR, B. (org.). **Studies in Language Variation**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2017. v. 19, p. 3–22. Disponível em: Acesso em: 15 jan. 2023. DOI <https://doi.org/10.1075/silv.19.01has>

HUANG, C.-T. J. On syntactic analyticity and parametric theory. In: LI, A.; SIMPSON, A.; TSAI, W.-T. D. (ed.). **Chinese syntax in a cross-linguistic perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2015. p. 1–48. DOI <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199945658.003.0001>

KEENAN, E. Explaining the creation of reflexive pronouns in English. In: MINKOVA, D.; STOCKWELL, R. (ed.). **Studies in the History of the English Language**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2002. DOI <https://doi.org/10.1515/9783110197143.3.325>

LIGHTFOOT, D. **Principles of diachronic syntax**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

MIRA MATEUS, M. H. *et al.* **Gramática da língua portuguesa**. 2. ed. Lisboa: Caminho, 1989.

MUSSA, A. **O papel das línguas africanas na história do português do Brasil**. 2011. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

MÜLLER, A. L.; BERTUCCI, R. O aspecto e a interpretação de presente em línguas passado/não-passado versus futuro/não futuro. In: PILATI, E.; MOREIRA, B. (org.). **Estudos Formalistas das Línguas Naturais**. Campinas: Pontes, 2018. p. 11–48.

PAIXÃO DE SOUSA, M. C. **Língua barroca: sintaxe e história do português nos 1600**. 2004. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

REICHENBACH, H. **Elements of symbolic logic**. New York: Macmillan, 1947.

REINTGES, C. H.; CYRINO, S. Analyticization and the syntax of the synthetic residue. *In*: MARTINS, A. M.; CARDOSO, A. (ed.). **Word Order Change**. Oxford: OUP, 2018. p. 179-201. DOI <https://doi.org/10.1093/oso/9780198747307.003.0010>

ROBERTS, I. **Verbs and diachronic syntax**: a comparative history of English and French. Dordrecht: Kluwer, 1993. DOI <https://doi.org/10.1007/978-94-011-2910-7>

ROBERTS, I. Macroparameters and minimalism: a programme for comparative research. *In*: GALVES, C. *et al.* (ed.). **Parameter theory and linguistic change**. Oxford: Oxford University Press, 2012. p. 320-335. DOI <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199659203.003.0017>

ROBERTS, I. Inertia. *In*: LEDGEWAY, A.; ROBERTS, I. (ed.). **The Cambridge handbook of historical syntax**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017, 425-445. DOI <https://doi.org/10.1017/9781107279070.021>

ROBERTS, I. **Parameter hierarchies and Universal Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2019. DOI <https://doi.org/10.1093/oso/9780198804635.001.0001>

ROBERTS, I.; ROUSSOU, A. **Syntactic change**: a minimalist approach to grammaticalization. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9780511486326>

SCHIFANO, N. **Verb movement in Romance**: a comparative study. Oxford: Oxford University Press, 2018. DOI <https://doi.org/10.1093/oso/9780198804642.001.0001>

SMITH, C. S. Time with and without tense. *In*: GUÉRON, Jacqueline; LECARME, Jacqueline (ed.). **Time and modality**. Berlin: Springer, 2008. p. 227-249. DOI https://doi.org/10.1007/978-1-4020-8354-9_10

VERONESI, L.; GALVES, C. **A Plataforma Tycho Brahe**. [S. l.: s. n.], 2024.

WACHOWICZ, T. C.; FOLTRAN, M. J. Sobre a noção de aspecto. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, [s. l.], v. 48, n. 2, p. 211-232, 2006. DOI <https://doi.org/10.20396/cel.v48i2.8637179>

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. Empirical foundations for a theory of language change. *In*: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (ed.). **Directions for historical linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 95-195.